



INTERPRETAÇÕES DE CRIANÇAS SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE FEMINILIDADE E MASCULINIDADE NA LITERATURA INFANTIL

Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher¹

Maria Isabel Habckost Dalla Zen²

Introdução

Pensar sobre o modo como as crianças interpretam as representações de feminilidade e masculinidade presentes na literatura infantil, dentre outros aspectos, parece-nos um caminho teórico-metodológico fecundo. Em primeiro lugar, porque podemos aprender muito sobre a diversidade de experiências construídas por elas em múltiplos contextos de vida. Em segundo, porque, através dessa “escuta” interessada, sensível e compreensiva, podemos conhecer alguns efeitos importantes das significações presentes nas histórias infantis, considerando, evidentemente, que tais significações e seus efeitos sobre as crianças também são atravessados pelas práticas constituídas em outras instâncias socioculturais. Como aponta Meyer (2003: 25), refletir sobre esses processos produzidos social e culturalmente “e nossa participação neles, no âmbito da escola, ou em qualquer outro espaço, é fazer também uma discussão política.”

Podemos ainda analisar como as questões de gênero vêm sendo apresentadas para a infância, através de um artefato que está presente na escola, mas que transcende seus muros, atuando com um poderoso estatuto pedagógico.

O debate sobre a maneira como os artefatos culturais educam – neste caso, as diferentes infâncias – é uma demanda contemporânea no Brasil, e a literatura não escapa a essa exigência crescente, advinda, entre outros fatores, das avaliações promovidas pelo MEC (Ministério da Educação) para compra de acervo. Tais avaliações visam não só à distribuição de acervo qualificado nas escolas públicas (PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola, mas também à sistemática análise de obras para aquisição e à inserção de representações das chamadas minorias nessas obras a serem adquiridas. Nessa direção, vimos, no decorrer da última década, a ampliação dos livros que trazem diversidade de personagens: femininos, velhos, negros, pobres, cadeirantes, cegos, surdos, dentre outros, em lugar de destaque. É o que poderíamos chamar de uma abordagem estratégica da diferença no conjunto das obras. Trata-se não só de mostrar a diferença, mas também de mobilizar leituras que coloquem em pauta essa discussão.

¹ UFRGS

² UFRGS



Assim sendo, e tendo como foco o contexto acima descrito, nosso objetivo é o de identificar as representações de gênero, inseridas em um contexto de investigação mais amplo³ sobre identidades e diferenças na literatura infantil, e o modo como as crianças negociam os significados implicados nessas representações. Tal investigação foi realizada com crianças de três turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, integrantes de três escolas públicas, duas urbanas e uma rural.

Considerou a leitura de obras de literatura infantil escolhidas dentre um acervo de 400 títulos pertencentes ao projeto maior já citado, que tem como eixo central a análise da temática da diferença, discussões a partir das leituras e outras estratégias pedagógicas (desenhos, dramatizações, invenção de histórias, etc.). As sessões foram planejadas envolvendo os pesquisadores e as professoras das classes. Foram filmadas, fotografadas e gravadas para posterior transcrição e análise. Rocha (2008: 49) nos alerta que no caso da criança “a lógica da comunicação com ela, para conhecer seu ponto de vista, não pode centrar-se na oralidade, muito menos de forma exclusiva na escrita. Por isso, há necessidade de cruzar fala ou diálogos em grupo com desenhos, fotografias [...]”.

Discutimos a temática a partir da contação de três obras: *O menino Nito* de Sônia Rosa, *O cabelo de Lelê* de Valéria Belém e *Samanta gorducha vai ao baile das bruxas* de Kathryn Meyrick, todas de Literatura Infantil brasileira contemporânea⁴. Neste trabalho, produzimos nossas análises enfocando ora as falas, ora as produções textuais e imagéticas das crianças das referidas turmas.

A primeira obra (*O menino Nito*) trata da história de um menino que expressa seus sentimentos em quaisquer circunstâncias, chorando em demasia. O pai chama Nito para uma conversa e diz que ele precisa parar de chorar, pois “homem que é homem não chora”. Então, Nito resolve trancar os choros, chegando até a adoecer por esse motivo. Em consequência, a família chama o Dr. Aimoré que, após uma conversa com o menino, prescreve que este “desachore” os choros engolidos. Ao final, pai e filho se abraçam e compreendem a “lição”: mesmo homens podem chorar.

³ Este trabalho faz parte de um projeto interinstitucional - ULBRA/ UFRGS - intitulado Narrativas, diferenças e infância contemporânea, com apoio do CNPq.

⁴ Ao utilizarmos a expressão Literatura Infantil Brasileira Contemporânea, estamos, também, nos referindo às traduções circulantes em nosso país, por considerarmos que tais obras constituem o acervo dos nossos leitores, escolares ou não.



A segunda obra (*O cabelo de Lelê*)⁵ versa sobre a rejeição do cabelo por parte de uma menina negra. Para resolver seu conflito, ela recorre a um livro em que descobre sua história e a beleza da herança de seus ancestrais africanos.

A terceira obra (*Samanta gorducha vai ao baile das bruxas*) narra a história de uma bruxa, Samanta, que é comilona e está gorda. Ela deseja ir a um baile, para o qual é convidada, mas antes percebe que não “cabe” em seu vestido. Samanta, então, se submete a um tratamento rigoroso em um SPA: dietas, exercícios são postos em execução; Samanta é acompanhada por seu gato, também obeso. Por fim, ela fica magra e vai ao baile. Neste ponto o livro traz um desenlace surpreendente, ofertando à criança a oportunidade de escolher qual o final que mais lhe agrada. Ou Samanta começa a comer compulsivamente na festa e engorda novamente, ou come de forma comedida e dança elegantemente com o príncipe.

Foram realizadas as contações de história, seguidas de uma exploração oral dos textos (ora livre, ora mais direcionada). Essas atividades – contação e exploração – foram filmadas, como já referimos, e depois analisadas sob a perspectiva da Análise Cultural. Essa perspectiva analítica preocupa-se com o modo por meio do qual a cultura se articula com a linguagem, o poder e o conhecimento, procurando atentar para as condições histórico-sociais em que as coisas se constituíram.

Os conceitos de identidade e diferença foram utilizados para compreender gênero como um marcador identitário concebido de modo relacional, que posiciona o feminino e o masculino de determinado modo. De acordo com esse entendimento, as identidades seriam “não um conjunto de qualidades pré-determinadas – raça, cor, sexo, classe, cultura, nacionalidade, etc. – mas uma construção nunca acabada, aberta à temporalidade, à contingência, uma posicionalidade relacional só temporariamente fixada no jogo das diferenças”. (Arfuch, 2002:20).

Podemos afirmar, portanto, que masculinidades e feminilidades são construções culturais que se instituem nos artefatos – como os livros infantis – e que também “formam” as identidades de gênero dos sujeitos que interagem com tais artefatos. Há, assim, uma dimensão pedagógica na literatura infantil que, neste estudo, se evidencia pelo modo como as representações vão sendo apresentadas às crianças nas obras em questão. Assim sendo, os artefatos culturais passam a ter uma centralidade discursiva que vai constituindo sentidos mais ou menos dominantes sobre

⁵ Cabe aqui destaque para o texto “Representação e identidade: política e estética étnico-racial na Literatura Infantil e Juvenil”, no qual Cosson e Martins (2008) analisam aspectos da narrativa verbal e imagética do livro *O Cabelo de Lelê*, articulando-os à política da representação e à estética da identidade.



determinadas identidades e terminam por consolidar entendimentos do que significa ser, neste caso, menino e menina.

Feminino plural: uma presença que transcende o urbano

Um dado relevante nas produções escritas das crianças da escola rural é a emergência de diversificados sentidos para a feminilidade, inserindo-a num contexto de independência do masculino, algo bastante raro nas análises sobre gênero de décadas anteriores. Este dado aponta, ainda, para a abrangência das representações contemporâneas de feminilidade, que não se restringem, como poderíamos pensar, às comunidades urbanas, mas que também se fazem notar nas comunidades rurais. Dentre esses significados destacamos a narrativa de uma criança ao afirmar que *Samantha foi morar no castelo sozinha porque o príncipe morreu*.

Aqui podemos perceber a ruptura dos desfechos sacralizados para as personagens femininas dos contos clássicos: não há o casamento com o príncipe “encantado”, há certa independência expressa no “morar sozinha”.

Percebemos, também nessa escola rural, uma evidência de inversão de gênero, quando um menino/autor descreve a personagem protagonista (Samanta), pedindo o príncipe em casamento - *Vamos nos casar, príncipe, você é lindo*. Ou seja, as representações de personagens femininos e masculinos não fixam certos traços considerados, tradicionalmente, específicos de cada gênero, tal como apontado em algumas pesquisas sobre educação e diferenças entre meninos e meninas (Aquad, 2006).

Sentidos reiterados, soluções cristalizadas

As crianças atenuam a gordura de Samanta, abrandam sua inadequação aos parâmetros de beleza e normalidade, promovem até um certo “branqueamento” da Lelê. Nos desenhos feitos a partir da contação de *O cabelo de Lelê*, podemos perceber que os maridos inventados para a personagem, seus amigos e até seus filhos eram, na sua maioria, brancos. Mas, nas produções escritas das três escolas, envolvendo Samanta e Lelê, aparece destacado o casamento como “redentor” do gênero: casar ainda é a grande saída para a personagem feminina.

Merece destaque, também, o modo como os meninos desenharam Lelê: com vestido de noiva; muitos trajes modernos e variados (saia, blusa, túnicas, sapatos, botas, acessórios), apontando para certa “inovação” no modo de representar visualmente o feminino. Entretanto, essa aparente ruptura nos modos de representar imagetivamente a personagem não se fez notar em todas as



produções. Também o repertório padrão utilizado pelas crianças (casa, sol, árvore, nuvens, castelo, dentre outros) continuou com seus traços costumeiros (nuvem pompom, sol raiado, etc.).

Os referentes de beleza, na obra *Samanta gorducha vai ao baile das bruxas*, aliás, são constantemente lembrados por frases escritas ou pronunciadas pelas crianças, com o uso de muitos adjetivos tais como: *Samanta sempre magra; Você está linda magra;* ou ainda, *Samanta ficou vistosa, linda, bonita, etc.*

Este significado atinge o ápice de sua visibilidade na distorção da imagem corporal tomada como correta ou modelar. Assim, quando uma criança afirma que a personagem Samanta *perdeu o vestido de tão magra*, podemos perceber tais sentidos atuando. Estaria a mídia, aqui, marcando seus efeitos e criando a imagem de determinadas, “novas” corporeidades, no caso, femininas? Seriam estas modelos do padrão corporal de manequins esqueléticas apresentadas nos desfiles de moda, em revistas e na televisão?

Não temos dados suficientes para tecer considerações a respeito, mas podemos destacar que essa imagem/significado já aparece circulante nos discursos produzidos pelas crianças acerca da corporeidade feminina, levando-nos a crer que essas corporeidades estão começando a deslocar o padrão de “normalidade”. Esses deslocamentos nos apontam para as diferentes inscrições presentes em um corpo. Essas inscrições, certamente, são observadas e, inclusive, redescritas nos textos infantis, a exemplo do corpo magro de Samanta que a fez perder o vestido. Salientamos aqui a expressão “de **tão** magra”. Vejamos o que nos diz Goellner (2003: 29) a esse respeito.

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também uma roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos...enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

Surge também a representação de uma corporeidade sensual: a personagem Lelê aparece com seios, em movimento, indicando a percepção aguçada das crianças para estas transformações corporais; todavia, cabe lembrar que a proposta de atividade já apontava para o fato de que a personagem “crescera”.

Outro aspecto marcante é que as produções ainda tentam construir um lugar para a diferença: os diferentes devem buscar uns aos outros. Em um dos textos, por exemplo, Samanta é expulsa da festa, porque come demais, engorda novamente e vai para uma festa de gordos, onde é “bem feliz”.



Essa saída (manter-se gorda), aliás, é preterida pelas crianças, que na sua maioria preferem manter a personagem magra, adequada à corporeidade dominante e atraente para um príncipe, que não precisou se submeter a nenhum sacrifício no enredo da narrativa. Esse padrão magro destacado, o qual pode ter como sentido a correção da diferença, aparece também nos desenhos.

Nos textos das crianças há, reafirmada, a alegoria do feminino fútil e invejoso, representada em *Samanta chegou ao baile e todas as mulheres ficaram com inveja do vestido de Samanta*.

Percebemos, também, nas interpretações dos alunos rupturas na conjugalidade heterossexual monogâmica, dado novo, quando se lê em um texto, versando sobre outro final para Samanta, que *Todos se interessaram por ela, até os casados se separaram pra ter uma oportunidade com ela*.

“Todo mundo nasce chorando”: diversificados consentimentos para a masculinidade

Outra ruptura presente nas interpretações produzidas pelas crianças é aquela que situa a masculinidade com direito à expressão dos sentimentos. Nos comentários durante a leitura compartilhada do livro *O menino Nito*, surgiu a ideia de que *homens também choram* (ainda que na obra o pai do personagem afirmasse o contrário). Aqui, cabe ressaltar que as crianças referiram o fato de que já escutaram essa máxima “*mais de mil vezes*”. Entretanto, ao argumentarem sobre a possibilidade de homens chorarem, apontaram “motivos nobres” para tal: alegria (nascimento de filho), tristeza, morte, saudade, memória (ao ver fotos), surpresa, descontentamento (derrota do time), dentre outros.

Consideramos relevante, ainda, que meninos e meninas, no momento desta leitura compartilhada, externavam, enfaticamente, suas emoções com o uso de interjeições: “ah!!!”, evidenciando alívio quando o menino tornou a chorar; “oh!!!”, quando o texto refere o número de choros engolidos pelo menino, etc. Isso ratifica o fato de que

As obras literárias tentam provocar um conjunto de emoções que permitam ao leitor participar mais intensamente na ficção que discorre ante seus olhos. Através de diferentes recursos constroem cenas de uma grande potência sensitiva, visual e sonora e buscam formas de pulsar distintas fibras emocionais, seja o terror ou a ternura, a placidez ou a excitação. (COLOMER, 2005, p.90)

Possíveis considerações

As obras *O Menino Nito*, *O cabelo de Lelê* e *Samanta gorducha vai ao baile das bruxas* parecem estar situadas em uma perspectiva produtiva de representação dos seus personagens masculinos e femininos, na medida em que as interpretações suscitadas pelas mesmas geraram significações importantes sobre os processos de produção de identidades. Em tais obras, os



personagens protagonistas (Nito, Lelê e Samanta) aparecem resolvendo conflitos, pensando sobre suas existências e conduzindo seus destinos. E dessas histórias, assim mostradas, surgiram comentários orais e produções diversificadas ora reiterando sentidos naturalizados sobre masculinidades e feminilidades, ora rompendo com esta naturalização.

Essas narrativas, com traços recorrentes e com suas fissuras, emprestam novos contornos à representação de gênero na Literatura Infantil brasileira contemporânea. Tal fato pode estar construindo as condições de possibilidade para uma educação mais plural, através da qual as crianças podem inferir diferentes modos de se viver a masculinidade e a feminilidade. Nito chora muito e esse fato/situação obtém a aquiescência das turmas! Lelê resolve seu dilema étnico-racial! Na visão das crianças, ela cresce, trabalha, encontra amigos, namora, casa-se e tem sucesso com seus cabelos grandes e versáteis. Samanta pode ser magra e gorda, pode casar ou morar sozinha, pode o príncipe em casamento. Mas, em meio ao movimento nada estático de tais representações, aparece reiterado o namoro, o casamento, os filhos como fortes ícones da instituição social família. A perpetuação desta está vinculada às instituições que a preservam como, por exemplo: amor heterossexual⁶, casamento, filhos. Assim sendo, esses personagens, caracterizados por tais opções, legitimam, em alguma medida, essas instituições. As histórias de família, historicamente narradas, são denominadas por Langellier e Peterson (1997) de “monumentos familiares” e compõem o repertório de experiências não tão particulares e bastante sedimentadas do cotidiano sociocultural da sociedade em geral e dessas crianças de modo especial como se pode verificar.

Não poderíamos deixar de tocar na “peripécia”⁷ como um recurso literário utilizado pelas crianças: Samantha tropeçou no vestido, caiu com o suco de uva, mas tinha um vestido reserva. A está a peripécia desequilibrando a sequência de ações da narrativa, destacando, também e de modo criativo, a personagem feminina como alguém previdente/determinado a atingir sua meta.

Muitas crianças finalizaram os textos com a coda “E viveram felizes para sempre”, o que comprova experiência de leitura e, de algum modo, a concordância com o fato de que crescer, trabalhar, ter cabelo diferente, dançar, namorar, ficar magra e, em alguns casos, casar com príncipe traz felicidade.

Reforçando a perspectiva constitutiva da representação, podemos dizer que as obras literárias infantis estão apresentando, em alguma medida, identidades femininas e masculinas

⁶ É preciso lembrar que na contemporaneidade novos arranjos familiares estão surgindo: famílias monoparentais, outros formatos de casais assumindo maternidade e paternidade; entretanto, reitero, permanecem muito vivos os laços de família.

⁷ A peripécia funciona como um marcador de desequilíbrio da narrativa, instaurando algo de inusitado no desenrolar da trama.



plurais. Identidades que passarão a produzir, talvez, outros efeitos na formação de seus leitores crianças.

Referências

- ARFUCH, Leonor (org.). *Identidades, sujetos y subjetividades*. Buenos Aires: Trama Editorial, 2002.
- AUAD, Daniela. *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola*. São Paulo: Contexto, 2006
- BELÉM, Valéria. *O cabelo de Lelê*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.
- COLOMER, Teresa. *Siete Llaves para valorar las historias infantiles*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ripérez, 2005.
- COSSON, Rildo e MARTINS, Aracy. Representação e identidade: política e estética étnico-racial na Literatura Infantil e Juvenil. In: PAIVA, Aparecida ; SOARES, Magda. *Literatura Infantil: políticas e concepções*. BeloHorizonte: Autêntica, 2008.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER. Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- LANGELLIER, Kristin M.; PETERSON E. Eric. Las historias de la familia como estrategia de control social. In: MUMBY, Dennis (comp.). *Narrativa y control social: perspectivas críticas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997.
- MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: GOELLNER, Silvana V.; LOURO, Guacira; NECKEL, Jane (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MEYRICK, KATHRYN. Samanta gorducha vai ao baile das bruxas. São Paulo: Brinke-Book, 1988.
- ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. (org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008.
- ROSA, Sônia. *O menino Nito: então, homem chora ou não?* Rio de Janeiro: Pallas, 2002.